

A soberania em jogo

7 DEZ 1987

AVC
P2

A apuração das responsabilidades pelo tumulto das galerias na última quinta-feira passa a representar mais um teste de força no interior da Constituinte. A esquerda deve trabalhar para que nada aconteça, nenhum parlamentar seja responsabilizado e as portas das galerias continuem abertas, risonhas e francas para a massa que costuma mobilizar no momento em que é preciso pressionar o plenário.

A partir do momento em que a votação da reforma do regimento da Casa, na quinta-feira, demonstrou a evidente minoria da esquerda no plenário, a pressão de fora para dentro pode ser a saída para os esquerdistas. Buscar uma mobilização da opinião pública e de massa nas galerias que abra dissidências na maioria — silenciosa e menos organizada — e permita a vitória esquerdista nos pontos mais importantes da Constituição.

A votação, por exemplo, das matérias trabalhistas pode organizar uma pressão externa que atue com sucesso na conservação constitucional das vantagens que os trabalhadores conquistaram na Comissão de Sistematização. E os aliados que a esquerda arrebatou num desses pontos podem ser preservados em outras votações. Alianças eventuais podem passar a sistêmicas e deslocar o eixo da maioria.

E como ficam os outros? Depois do sucesso na mudança do regimento, o Centrão começa a se movimentar para manter a sua unidade pelo menos em mais uma etapa do trabalho constitucional: esta agora de pressionar pela apuração das responsabilida-

des pelo tumulto. Se conquistar o controle sobre as galerias, o Centrão pode marchar em paz para a sua divisão na votação dos itens constitucionais propriamente — fase em que poderá abastecer a esquerda com aliados eventuais.

Entre os dois lados estará o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, a testar a sua habilidade em agarrar a todas as partes. Para começar, busca uma solução difusa, uma apuração de responsabilidades que surja não como uma decisão imperial do presidente da Constituinte, mas coletiva da direção da Casa — que não traga a vontade de um homem mas a de um colégio formado por mais de uma corrente política.

Mas o comportamento dos políticos não camufla uma realidade: está em jogo a soberania da Constituinte. A soberania pela qual se bateram, bravamente, os constituintes está no regimento da Casa ao permitir inicitativas para “sobrestar medidas que possam ameaçar os trabalhos e as decisões soberanas da Assembléia Nacional Constituinte”.

É possível que, ao aprovar esse dispositivo, vários constituintes estivessem pensando em acionar, no futuro imediato, algum projeto de decisão que, por exemplo, bloqueasse uma negociação da dívida externa que se considerasse constrangedora ao trabalho constitucional. Os fatos, no entanto, colocam os constituintes face uma realidade objetiva e concreta: o constrangimento das galerias na quinta-feira.